



VÍRUS

N1 *Revista política
e de ideias*
JUNHO 2012 II série

*O que é esta direita que
combatemos?*

Entrevista a David Harvey
Bensaïd: revolucionário em permanência
+ ver, ouvir, falar

Índice

Editorial

Fernando Rosas

PÁG. 5

A política ou a vida

Miguel Portas

PÁG. 6

Dossiê:

O que é esta direita que combatemos?

PÁG. 10

Uma mudança de paradigma

por Fernando Rosas

Acumulação flexível e impactos no mundo do trabalho

por Hugo Dias

Breve história da (des)construção do Serviço Nacional de Saúde

por António Rodrigues

O capitalismo autoritário e a crise das democracias europeias

por Bruno Góis

Neocolonialismo do senso comum

por Carlos Carujo

Entrevista:

David Harvey "A Revolução Urbana que virá"

PÁG. 39

Entrevista de Max Rivlin-Nadler. Tradução de Hugo Dias

Ver, ouvir, falar

PÁG. 44

Pensar o socialismo hoje

Daniel Bensaïd: O revolucionário em permanência

PÁG. 66

por Carlos Carujo

Vária

Cinco temas para pensar o novo ciclo global de mobilizações

PÁG. 72

por José Soeiro

O novo consenso europeu: crónicas de uma hegemonia

por Mariana Santos

On lâche rien: nós não desistimos

por Fabian Figueiredo

Acontece

PÁG. 87

O que é esta direita que combatemos?

entrevista a David Harvey
Bensaïd e a revolução
+ ver ouvir falar

Diretor

FERNANDO ROSAS

Edição Gráfica

RITA GORGULHO

Conselho de redação

ANDREA PENICHE

BRUNO GÓIS

CARLOS CARUJO

HUGO DIAS

HUGO FERREIRA

FABIAN FIGUEIREDO

JOÃO RODRIGUES

JOSÉ SOEIRO

LUÍS TRINDADE

MARIANA AVELÃS

MARIANA SANTOS

MIGUEL CARDINA

NÁDIA CANTANHEDE

SOFIA ROQUE

Colaboraram nesta edição

ANA RAQUEL MATOS

ANTÓNIO RODRIGUES

CRISTINA ANDRADE

BRUNO M. CABRAL

HELENA ROMÃO

JOÃO MADEIRA

LUÍS FARINHA

NUNO SERRA

RICARDO COELHO

SARA FIGUEIREDO COSTA

VALTER HUGO MÃE

REGISTO ERC - N.º 125486

ISSN: 2182-6781

PROPRIETÁRIO/EDITOR:

BLOCO DE ESQUERDA

MORADA: RUA DA PALMA, 268

1100-394 LISBOA TIRAGEM: 500

PERIODICIDADE: SEMESTRAL

IMPRESSÃO: A TRIUNFADORA,

ARTES GRÁFICAS LDA.,

RUA D. SANCHO I, 36-A ALMADA





48, de Susana de Sousa Dias. 2010, 93 mn.



A Ditadura com olhos de ver

MIGUEL CARDINA

“Lembra-me...” É assim que Georgette Ferreira, a primeira voz que escutamos neste magnético *48*, nos convida a empreender uma viagem em direção aos tempos da ditadura. Não é inócua a escolha desta palavra inicial: este é um filme que se alimenta da memória. Depois de rompido o silêncio, surge então um breve compasso de espera. A respiração ritmada assinala uma invisível presença física ao mesmo tempo que no ecrã vemos emergir um rosto de perfil. É assim, sob o signo da relação entre imagem, memória e silêncio, que

vo (2000), a realizadora abordara a interdição do casamento a esta classe profissional durante a ditadura e no modo como se desenrolou então um específico episódio de contestação a essa norma. No seu trabalho seguinte, *Natureza Morta* (2005), Susana de Sousa Dias manipula fotografias de prisioneiros políticos, reportagens de guerra e documentários de propaganda para formar um retrato intenso sobre um país passado. Em *Natureza Morta*, o encadeamento explicativo da narrativa, que atravessara *Enfermeiras no Estado No-*

vo (2000), a realizadora abordara a interdição do casamento a esta classe profissional durante a ditadura e no modo como se desenrolou então um específico episódio de contestação a essa norma. No seu trabalho seguinte, *Natureza Morta* (2005), Susana de Sousa Dias manipula fotografias de prisioneiros políticos, reportagens de guerra e documentários de propaganda para formar um retrato intenso sobre um país passado. Em *Natureza Morta*, o encadeamento explicativo da narrativa, que atravessara *Enfermeiras no Estado No-*

Tal como Natureza Morta, “48” constrói-se por meio de um arriscado mecanismo em que o movimento parece subtraído da tela.

começa este admirável filme de Susana de Sousa Dias sobre a resistência antifascista e a natureza da repressão.

Na verdade, os filmes de Susana de Sousa Dias têm vindo a formar um dos mais estimulantes olhares sobre o século XX português e o Estado Novo. Em *Processo-crime 141/53. Enfermeiras no Estado No-*

vo, é trocado por um criativo trabalho de montagem que perverte os quadros pelos quais o regime se dava a ver e onde as palavras são substituídas por um manto musical vigoroso, a cargo de António de Sousa Dias.

Em *48* (2010), Susana de Sousa Dias regressa aos arquivos da PIDE/DGS (Polícia Internacional

contraponto ao lento desdobrar das imagens, em *48* recorre-se à voz *off* dos antigos torturados para alimentar a tensão constitutiva do filme: a delicada sobreposição das vozes do presente nas imagens do passado.

É nesta combinação que repousa um dos segredos da eficácia do filme. As vozes acompanham o

surgimento das imagens, mas nem estas funcionam como ilustração, nem aquelas como legenda. Ambas relatam histórias que se inter-setam. É assim que vemos aquelas imagens desarrumarem a sequência monótona e aparentemente neutral das fotos policiais. Pelo testemunho – mas também pelo olhar atentíssimo da realizadora – desprendem-se dos retratos formas mínimas de resistência (como o sorriso trocista de Dias Lourenço), aspetos da vida na clandestinidade (como a calvície forjada de Manuel Pedro), a tortura específica às mulheres (visível nas fotos – e nos relatos – de Alice Capela e Conceição Matos) e a voraz passagem do tempo (na sequência de fotos de Manuel Pedro, Sofia Ferreira, Maria Antónia Fiadeiro ou Conceição Matos).

Como pedaços de um passado que regressa, um pormenor numa fotografia pode fazer com que o tempo se desprenda e revele. O incómodo de Maria Antónia Fiadeiro com um sorriso aberto, que lhe parece insultuosamente deslocado dada a sua situação de presa, fá-la inserir a prisão no processo de construção do lastro militante e na forma como, nomeadamente no âmbito da juventude politizada da época, esta era vista como um elemento de prestígio.

Analisando a roupa baça que vestia, Maria Antónia Fiadeiro acaba por desfiar um retrato do conservadorismo no Portugal dos finais dos anos 1950, onde “tudo o que pudesse alimentar algum desejo, próprio ou do outro, era altamente reprimido. A vida sexual era uma tragédia, e à esquerda também... falavam, falavam, falavam e ninguém se tocava. Parecia que não tinham mãos”.

Outro dos elementos que compõem a intensidade de *48* reside no seu despojamento.

Não tem trama, diálogos ou cenários convencionais, mas consegue conduzir-nos eficazmente para dentro do terreno claustrofóbico das salas da PIDE/DGS, para o vazio dos dias de encerramento e para a dureza quase inominável da tortura. Na fase final do filme, a voz dos presos africanos surge mesmo sem um rosto a acompanhar, uma vez que os arquivos da polícia política nas ex-colónias desapareceram no pós-25 de Abril.



Isso não impede que esteja precisamente ali – nos depoimentos de Amós Mahanjane e Matias Mboa – um dos momentos mais enérgicos do filme, onde nos apercebemos claramente da diferença de tratamento aplicada ao presos em Portugal e nas ex-colónias. Aqui, a morte não era uma ameaça.

Nesta medida, *48* é também um magistral ensaio sobre a centralidade da violência na ditadura colonial de Salazar e Marcelo Caetano. Ela podia ser desregrada, como acontecia em contexto

africano, ou contida e cirúrgica, como em regra era aplicada em território português. Ao contrário do mito salazarista, ainda hoje operante num certo senso comum, a violência política não se concretizava em alguns “safanões a tempo” a quem ousava romper o círculo do medo.

O regime sobrevivia na exata medida em que se alimentava desse medo e dessa violência. A administração das torturas, como se torna evidente nos relatos cotejados, não resultava de um desvario momentâneo ou do excessivo rigor punitivo de um ou outro inspetor mais severo. As torturas eram pensadas, aprendidas e medicamente acompanhadas. Assumiam uma inquestionável centralidade, ainda que não fossem estáticas ou universais: evoluíram com os anos, distinguiam classe, sexo ou estatuto social do preso e tiveram diferente intensidade em Portugal ou nas colónias, como o filme de Susana de Sousa Dias deixa entrevisto (e é comprovado, por exemplo, nos trabalhos académicos de Irene Pimentel ou Dalila Cabrita Mateus).

Um filme não é uma tese e *48* não procura fazer um elenco das torturas, das atitudes dos presos diante delas ou do modo como a repressão atingiu as diferentes oposições. Este é um poderoso filme, centrado sobretudo nas vozes dos presos do PCP, com uma assinalável atenção à experiência das mulheres e que nos convida a equacionar a força da memória no trabalho de desocultação crítica dos suportes onde o passado se guarda. E é, igualmente, um marco decisivo num dos percursos autorais mais originais e consistentes da cinematografia contemporânea.